

Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 21 de maio de 2014

*Texto de referência: J. Carrón, O essencial para viver, em “Correndo para alcançá-Lo”.
Primeira meditação do Livreto dos Exercícios da Fraternidade de CL, págs. 15 a 44.*

- *Ojos de cielo*
- *Aconteceu*

Glória

Carrón: Tínhamos como trabalho o início da primeira meditação dos Exercícios da Fraternidade, em que a questão essencial – do ponto de vista de qual é o nó da questão – é o que é o essencial para viver. Por isso, tudo o que se diz é para nos ajudar a entender o que é o essencial e como reconhecê-lo na experiência, para não serem tiros perdidos, disparados aqui e ali, sem que haja algo de verdadeiramente crucial na vida. Por isso começamos por essa questão.

Colocação: *Há algumas semanas carrego uma pergunta que persiste. No primeiro ponto de sábado de manhã dos Exercícios nos foi feita a pergunta: quando foi a última vez em que, olhando nos olhos das pessoas amadas, experimentamos aquele sobressalto no coração? Quando vimos nos olhos delas os Seus olhos, que eliminam todo o inferno? Eu tenho bem presente alguns momentos, mesmo recentes, em que isso aconteceu: na forma como o meu marido olha para mim, na forma como alguns amigos me tratam, um olhar impossível para as suas forças, mas reflexo daquele único olhar que encheu a minha vida e me trouxe até aqui hoje. Porém, percebo que aquilo que vejo não faz surgir em mim uma posição nova para encarar os desafios da vida. O inferno volta e encontro-me novamente perdida diante das circunstâncias. Daqui surge uma dúvida: ou aquilo que vejo é sentimental, ou eu sou incoerente. No entanto, não me interessa ser coerente, mas sim ter uma posição original diante das coisas! No ponto dois da palestra, você pergunta: “Diante de todos os desafios que encontro: na minha resposta, na minha tentativa, o que emergiu, [...] o que descobri em mim como essencial?” (p. 23). Percebo que, diante das circunstâncias, fico substancialmente desorientada, e dizer que as circunstâncias são para o meu amadurecimento e são queridas por Ele para um desígnio bom para a minha vida, torna-se quase um prêmio de consolação, uma motivação para calar essas perguntas, para não ir a fundo delas, em lugar de se tornar uma esperança sincera e uma certeza nas quais me apoiar. O ponto é que, ultimamente, isso me despedaça o coração, por isso peço uma ajuda sobre isso.*

Carrón: Ou seja: o que é verdadeiramente o essencial? Porque muitas vezes – como você dizia – vivemos na dúvida, achando que o que aconteceu tenha sido puramente sentimental ou que nós sejamos incoerentes.

Colocação: *Em mim, a questão do essencial, na última Escola de Comunidade (e também no início do trabalho sobre os Exercícios) despertou um grande fascínio. E, portanto, vivi os dias que tinha pela frente preso por esse fascínio. Olhando para mim e para alguns amigos em ação, e também conversando, dei-me conta de que – foi assim que percebi para mim – o primeiro desafio da questão que você lançou sobre o essencial é não reduzi-la. De fato, reparei que muitas vezes a minha posição foi: bem, eu sei o que é o essencial, é inútil esconder-me, o essencial é Jesus, portanto devo*

procurar viver o dia dando-me conta disso. Mas assim, algum tempo depois, nos cansamos das coisas e também daquele fascínio. Enquanto que esse fascínio se desperta quando eu vivo o que tenho que viver procurando ver o que eu afirmo como essencial para mim. Portanto, não é um esforço sobre uma boa ideia em que eu acredito, mas uma surpresa de como me relaciono com a realidade, leal àquilo que sou, leal ao que a realidade é. Nesta segunda posição, em relação aos meus dias, é como se o fascínio aumentasse, porque sou como sou e a realidade é como é, não é necessário um esforço. E também quando surpreendo que o essencial para mim é outra coisa que não o que eu digo de uma forma teórica, isso torna-se possibilidade para olhar para mim mesmo por aquilo que sou e não por aquilo que penso. No outro caso, pelo contrário, o único efeito é o enfraquecimento, até desaparecer, daquele fascínio inicial, e por isso passamos à questão seguinte.

Carrón: Esta é uma questão de método crucial: o problema é viver, que eu comece verdadeiramente a responder àquilo que tenho que viver. E é ali que aparece – como uma surpresa – o que é o essencial. Senão, nós já definimos o essencial, e então já não é um fato que volta a acontecer diante dos meus olhos, e, por isso, a certo ponto me canso de repetir, não cresce o maravilhamento da descoberta contínua, não reacontece a surpresa por aquilo que é verdadeiramente o essencial.

Colocação: *É mesmo verdade que eu descubro o essencial na vida, vivendo. Em relação a isso, fiquei muito impressionado com um texto de Giussani, que você citou nos Exercícios: “O mais belo pensamento ao qual me entrego há muitos meses é a imaginação do primeiro sobressalto no coração que Madalena experimentou. E esse sobressalto no coração não foi: ‘Vou largar todos os meus amantes’, mas o encantamento com Cristo. E Zaqueu, o primeiro sobressalto no coração não foi: ‘Devolvo todo o dinheiro’, mas a surpreendente paixão por aquele homem” (p. 18). Eu descubro o que é o essencial porque é aquilo que mantém o meu coração desperto, ou seja, aquilo que o torna vivo em todas as coisas. Quando li essa frase, quando voltei a ouvi-la e a reli, percebi a diferença de Cristo em relação a todo o resto. Porque todo o resto me pede para mudar, e eu mesma peço a mim para mudar; e, pelo contrário, percebo que a minha exigência não é uma mudança (como Dom Giussani fala de Madalena: “Vou largar todos os meus amantes”), mas é esse sobressalto do coração que me torna viva. E isso é para mim o essencial, porque está tudo ali. E me impressionou a referência à gratidão: de fato, eu me dou conta de que “peço as contas” à vida, às circunstâncias, às pessoas, quando não vivo, quando não está presente esse sobressalto do coração, quando não vibro. Em suma, quando o coração não vibra eu não sou grata. Porém, o fundamento da gratidão, o fundamento da mudança, o fundamento de tudo é esse sobressalto do coração, e eu muitas vezes parto com a ideia de que devo mudar, e me empenho muito nisso, desperdiçando todas as minhas forças.*

Carrón: A observação muito pertinente de Dom Giussani, que nos move radicalmente se a olharmos de frente, é que a primeira preocupação não é a nossa incoerência, não são os nossos caprichos; ou seja, a primeira coisa não é que eu deva mudar algo. É como quando uma pessoa está apaixonada, aquele pensamento volta, aquela presença volta a se impor e volta a chamar, e chama, e não podemos arrancá-la de nós. Então, é aí que nos damos conta de que aconteceu algo diferente, único, porque todo o resto são variações sobre o tema: “O que devo fazer?”. Por isso, parece-me decisivo que nós tomemos essa passagem de Dom Giussani (que foi – digamos – a origem dos Exercícios, o ponto do qual parti para desenvolver o percurso) como critério de juízo sobre qualquer tentativa nossa de identificar o essencial. Porque dizendo essas

coisas somos todos provocados. Tanto é verdade que nós fomos levados, sem nos darmos conta disso, a voltar à questão se somos ou não capazes de vivê-lo, e não ao maravilhamento. Por isso leio novamente: “O mais belo pensamento ao qual me entrego há muitos meses é a imaginação do primeiro sobressalto no coração que Madalena experimentou [...] [que] não foi: ‘Vou largar todos os meus amantes’, mas o encantamento com Cristo”. Trata-se de ficarmos agarrados, de estarmos fascinados. Porque a primeira coisa que uma pessoa percebe quando acontece algo significativo, relevante – diferente de qualquer outra coisa –, é que esse fato volta e uma pessoa não pode abandoná-lo, não porque decide não abandoná-lo, não graças a um esforço, mas porque se impõe. Por isso Dom Giussani surpreende-se abandonado – diz ele – há tantos meses a esse pensamento. Se uma pessoa fizer a comparação entre o que aconteceu com ela própria desde que ouviu isso e a experiência de Dom Giussani, começará a perceber o que significa fazer Escola de Comunidade. Eu me surpreendo vendo alguém à minha frente que me diz essas coisas e faço uma comparação com aquilo que me vem à cabeça, com aquilo que eu faço, com aquilo que me preocupa, com aquilo que me bloqueia ou me determina. Sem nos abandonarmos a esse deixar prevalecer aquela Presença, tudo se reduz a uma tentativa nossa. Mas se estamos tão mal, como podemos pensar em sair dessa situação com a nossa tentativa? É por isso que esse texto me impressionou desde o primeiro instante: porque fala da natureza do cristianismo mais do que qualquer outra coisa. Que depois, é o mesmo conteúdo que encontramos nas duas canções do início: se eu deixá-Lo entrar, o Inferno é eliminado. Aqui Dom Giussani nos oferece um critério compartilhando conosco uma experiência, como sugestão de um caminho para não nos deixarmos distrair com outras preocupações. E mesmo se nos deixássemos distrair por outras preocupações, podemos fazer memória e regressar e nos abandonarmos de novo, até que a certo ponto Ele prevalece. Esse texto tem um valor de método, de sugestão de um caminho que é crucial, como me escreve uma de vocês: “O que mais me impressionou foi a questão do caminho de Pedro. No sábado de manhã você descreveu o sobressalto do coração que terão sentido Maria Madalena e Zaqueu, que é idêntico ao sobressalto do coração que eu senti no início e depois muitas vezes quando aconteceu (por exemplo, precisamente no sábado de manhã ao ouvir você falar). E depois, de repente, você começou a descrever o caminho de Pedro: é preciso fazer um caminho. Eu me senti movida, porque é verdade que muitas vezes o sobressalto do coração que sinto continuamente precisa ser constantemente despertado. Sinto o conflito entre a experiência do sobressalto e o colocar-me diante do fato partindo da ideologia do cristianismo”, ou seja, de reduzir o cristianismo – digamos assim – a um discurso. E por isso a pergunta é: mas o que é esse caminho? Dom Giussani responde através do seu testemunho: abandonando-se. Qualquer que seja o ponto de partida, volta ali, para aprofundar, para se dar conta cada vez mais, caso contrário não se é capaz de mudar de posição. A mudança de posição não é o resultado de uma tentativa solitária nossa, mas sim do prevalecer desse abandono.

***Colocação:** Você disse que há momentos em que “o essencial se impõe”. E isso é exatamente o que me acontece e me reaconteceu lendo esses primeiros dois parágrafos da palestra de sábado de manhã, porque quando se fala do sobressalto do coração e do caminho de Pedro não tenho dúvidas em identificar o que provocou um sobressalto do coração, a unicidade dessa experiência, que me impressiona porque é uma unicidade que não é ofuscada pelo tempo que passa, não é confundida pelas muitas coisas que acontecem na vida, pelos muitos problemas, pelos muitos desafios, pelo remoinho de situações, de pessoas, de satisfações ou de dificuldades. E me impressionava, em especial, porque de fato é algo que se impõe por si mesma. Há uma frase sua que*

descreve bem o que nos acontece quando esse sobressalto do coração é real, diz: “Uma presença que não extinga a nostalgia, mas que a inflame, que reacenda o desejo de estar com ela [...]. [Não basta um olhar qualquer,] não basta o do marido ou o da mulher, nem o dos amigos, mas só aquele de uma presença capaz de estar diante de todos esses desafios [...]. Precisamos de uma relação que não extinga o fogo da nostalgia, mas que o acenda” (p. 17). Creio que essa seja justamente a experiência e o método que você indica, ou seja, que estamos no meio das coisas, e também nos distraímos bastante, também no parque de diversões (para voltar ao seu exemplo), mas há uma saudade que reemerge e com a qual o essencial se impõe de novo.

Carrón: A saudade é o primeiro sinal de que nos aconteceu algo de essencial. Por quê? Porque não posso viver *sem*, porque volto, não porque passei a ser melhor, não porque eu consiga fazer tudo bem, não porque de repente tudo funcione de acordo com os meus desejos, mas porque nada disso consegue deslocar-me daquilo que prevalece. E isso se vê na saudade, que não se apaga, mas que se inflama. Cada embate da realidade, cada situação, cada solidão, cada desgraça, cada coisa, é como colocar gasolina no fogo, acende a saudade. Não é que todas as dificuldades a apagam, pelo contrário, as dificuldades são ocasiões para reconhecer a verdade e o alcance do que aconteceu. Qualquer coisa que seja, acende, infama mais a saudade daquela Presença. Por isso não serve nada opor todas as dificuldades da vida como sinais e razões para não fazer prevalecer aquela presença. De fato, quando acontece um encontro assim, qualquer dificuldade, qualquer embate, bonitos ou feios que sejam, o único efeito que têm é acender, é inflamar a saudade. De fato, é outra coisa; o cristianismo é outra coisa! E nós começamos a ver que aquela Presença é absolutamente única, tem um traço inconfundível que não consegue extinguir a saudade, mas a inflama constantemente, seja o que for que aconteça. Por isso uma pessoa se agarra a ela cada vez mais. As dificuldades da vida não a apagam, mas cada coisa a acende mais. Escreve uma pessoa: “Você diz para olhar na experiência onde está o essencial. Isto é o que me acontece: há dois anos estou vivendo no exterior, e a maior parte do meu tempo é passado entre pessoas a quem não interessa quem é Cristo [podia ser um motivo para desanimar, tendo até uma justificativa: ‘Estou sozinha, ninguém me recorda’]. Passo os meus dias com eles e me dou conta de que muitas vezes entre nós não há diferença [não é que isso a iluda, muitas vezes entre eles não há diferença]: fazemos as mesmas coisas, nos preocupamos com as mesmas coisas. E nesse remoinho, quase me esqueço de Jesus [quase: tudo está nesse ‘quase’]. Jesus não é o essencial, mas vem depois, depois da universidade, depois do jantar, depois de todas as coisas que tenho para fazer; e, depois, no fim do dia, rezo as minhas orações. Mas mesmo desse modo Ele permanece sempre. Mesmo se muitas vezes ando distraída ou receosa de falar d’Ele diante de todos, eu [eu!] tenho a percepção de ser fisicamente a única pessoa que sabe quem é Jesus no meio de um mundo que não O conhece. E isso não me deixa tranquila [que isso seja real verifica-se no fato de que isso nunca a deixa tranquila]. Essa é a percepção mais essencial que tenho nos meus dias, até nos momentos de maior distração é isso o que prevalece: que a minha vida não pode ser arrancada de Jesus”. Escreve outra amiga: “Queria só contar como para mim é importante nesse momento descobrir cada vez mais evidente na minha vida a fidelidade de Deus [que é outra modalidade de dizer qual é a característica desse evento único]. Eu percebo que Ele me tomou desde o Batismo e me trouxe até aqui através da história do Movimento, ou seja, é inegável que tenha feito crescer aquela semente de graça que é a fé, mas é como se agora tivesse acontecido um revés, como se tudo fosse mais difícil, obscurecido, menos imediato, de modo que requer toda a minha energia para ser redescoberto. No fundo eu pensava como Santo Agostinho que, tendo recebido uma vez o carimbo da fé, tudo fosse fácil. No entanto,

digo: graças a Deus não é assim [graças a Deus não é assim: porque se tudo fosse fácil, o embate da realidade e os desafios com que a vida me provoca não contribuiriam para que eu me dê conta de qual é a diferença]. Depois de um primeiro momento de absoluta perda de rumo, percebo que o que me faz caminhar é antes de mais a Sua fidelidade incansável [a Sua, não a nossa: é Ele que tem a pretensão de ser fiel, Ele!], que para mim é um juízo que não posso mais apagar. Dou um exemplo banal, mas para mim é impressionante. Trabalho no hospital em que operaram um familiar meu com uma intervenção importante. O meu primeiro movimento foi de orientar tudo da melhor maneira de modo que estivesse nas melhores mãos possíveis, mas quanto mais fazia tudo isso, mais me dava conta de que não bastava, de que a minha alma não se aquietava, pelo contrário, a ansiedade crescia. Então comecei a pensar no que poderia faltar a tudo isso e me dei conta de sentir uma enorme saudade do olhar cheio de paz que sempre vi nos meus amigos mais queridos. E então lhes pedi que rezassem uma oração, primeiro por mim, para que não estivesse só naquela circunstância, ou seja, para que eu pudesse fazer a experiência da companhia de Cristo que é a única que dá paz [uma pessoa pode estar tomada por tantas ansiedades, mas não consegue tirar de si aquela saudade do que experimentou, do que a plasmou]. Não é por uma camaradagem que lhes telefonei, mas por um juízo inextirpável, por uma saudade [o que parece a coisa mais frágil, menos concreta, é na realidade a coisa mais concreta, mais determinante da vida], a mesma que experimentei diante do Papa em Roma, que me fez perceber como, aos 40 anos, fosse impressionante em mim o desejo de aprender, talvez mais que aos 18. Eu estava ali porque ninguém mais do que eu precisa aprender a conhecer a realidade, e o instrumento é precisamente uma escola: a Escola de Comunidade. Descobri-me grata como há muito tempo não estava. Esses são momentos de luz – de que se fala a propósito da conversão – que não eliminam a dificuldade, que ainda é muito grande, mas tornam o caminho fascinante, certa de que tudo está cheio da Sua fidelidade. Realmente posso dizer: o que seria da minha vida se não pudesse mais voltar a ouvir as Suas palavras?”. Por isso, quando nos encontramos diante dos desafios, é ali que devemos regressar, como me escreve outra pessoa: “Na Escola de Comunidade passada as primeiras pessoas que falaram testemunharam que os Exercícios foram para elas um acontecimento. Para mim não foi assim. O que levei para casa é que uma pessoa só pode reconhecer Cristo como resposta à sua necessidade se for até o fundo da sua necessidade. E a primeira reação que tenho diante disso é de dificuldade, porque percebo que devo fazer um trabalho sobre mim, um trabalho que nem sequer sei bem em que consiste. Desculpe a minha cabeça dura! Sei que há anos você não nos diz outra coisa, mas eu ainda não entendo. Você, comentando as primeiras intervenções, disse: ‘Cristo torna-se potentemente presente, não como um pensamento [...], mas pelo acontecimento que Ele é [...]. Cristo é algo que acontece [...]. Não há outro método. É o reacontecer daquele acontecimento [...] que devemos pedir; e devemos constantemente retomar consciência disso na memória’ [e, portanto, não é antes de tudo uma dificuldade, ao contrário do que você diz!]. Por isso peço-lhe que me ajude a entender o que é a consciência da memória. Queria que me ajudasse a entender melhor esse ponto, porque também aconteceu comigo, portanto, creio que se entendesse melhor o que quer dizer ‘retomar consciência da memória’, não voltaria sempre à estaca zero”. E o que quer dizer retomar consciência da memória? O que faz Dom Giussani? Onde é que volta constantemente? “O mais belo pensamento ao qual me entrego há muitos meses...” A memória é isso: voltar a algo que se introduziu na própria vida, à Presença que nunca extingue a saudade. É por isso que não é um esforço; é só isso que não extingue a saudade, não extingue o desejo; não é com a nossa tentativa que cresce em nós a consciência da necessidade, é Ele que constantemente nos torna conscientes da

necessidade, que desperta em nós a saudade. A diferença é mesmo esta (como dizia uma intervenção anterior): que desperta o meu coração. E se eu entendi isso, não tenho mais nada a fazer senão viver a memória, mas dizer “memória” é um outro modo de dizer que prevalece a saudade. Que prevaleça a memória da Presença não consiste em recordar-me das coisas do passado; é aceitar, reconhecer, deixar-se arrastar a cada vez por essa saudade que não só não diminui por causa de todas as coisas da vida, mas que cada coisa da vida instiga. Em vez de nos irritarmos com as coisas porque não nos bastam, temos a possibilidade de voltar uma vez depois da outra a essa saudade.

Colocação: *Nessas últimas semanas aquilo que carrego é um enorme pedido de significado que está presente em mim de um modo tão dramático que me sinto sufocar. Na realidade, entendo bem o que diz Leopardi nas suas poesias: que quando alguém leva a sério a própria experiência humana, encontra uma distância entre aquilo que deseja e a realidade que não lhe basta. Eu tinha todos os instrumentos para redescobrir aquilo que agarrou a minha vida, que é a Escola de Comunidade, as relações de amizade, etc. Porém, tudo me parecia uma consolação insuficiente e, por isso, talvez pela primeira vez, tenha desistido lamentando-me do meu limite, do meu esquecimento. Fazendo assim, cada noite que passava sentia-me pior e estava mais triste. Depois, uma noite dessas, me encontrei com o meu namorado. Ele, percebendo que eu andava triste há algum tempo, me disse: “O que aconteceu? Por que você não é mais a mesma? De onde você reparte?”. Eu respondi com uma provocação, não disse o que estava acontecendo comigo, e esperava dele a habitual resposta com a lista de coisas certas que eu devia fazer. Em vez disso, me olhou e disse: “Por que não deixa que gostem de você?”.*

Carrón: “Por que não deixa que gostem de você?”

Colocação: *Fiquei desconcertada, porque ele disse apenas isso e eu perguntei: “É tudo? Não quer saber o que está acontecendo?”.*

Carrón: “Não faz nenhuma crítica?”.

Colocação: *Exatamente.*

Carrón: “Não me dá um sermão?”.

Colocação: *Primeiro me escandalizei, mas depois fiquei surpresa porque, em vez disso, ele me disse: “Não, porque é muito mais verdadeiro te amar como Jesus amava Pedro depois da traição”. Aquele momento foi, para mim, como o sobressalto que Maria Madalena sentiu no coração, porque me lembrei logo quando Jesus perguntou a Pedro: “Pedro, tu Me amas?”, e ele, como eu, cheio de limites, respondeu: “Sim, eu Te amo”. Naquele momento voltei a descobrir que aquilo que vence é o amor de outro que “queima as etapas” e que derruba a minha medida. No dia seguinte, li a primeira lição que não tinha ainda lido e foi incrível porque explicava melhor do que eu o que tinha acontecido comigo, quando falando sobre o canto dizia: “Se eu me esquecesse do que é verdadeiro, [...] de que precisaria? Que os teus olhos me recordassem” (p.16). Para mim aconteceu isso, voltei a Cristo como Pedro, porque diante de mim estava alguém que me testemunhava aquilo que dá significado à vida: Cristo presente. Eu entendo bem o que você dizia, que é preciso um instante de lealdade para deixar entrar de novo aquele olhar que eu já tinha visto e descoberto na minha vida. De fato, quando depois é dito que não basta o olhar do marido ou da mulher ou dos amigos, mas “precisamos de uma relação que não extinga o fogo da nostalgia, mas que o acenda” (p. 17), eu entendo bem isso, porque o meu desejo, a minha pergunta não se apagou, pelo contrário, é ainda mais forte. Em mim prevalece também a gratidão: “A gratuidade mais maravilhosa é que Deus tenha se tornado meu companheiro de caminhada” (p. 18).*

Carrón: Como Deus se tornou um companheiro no caminho? “Escrevo-lhe assim que acabei de ler a primeira palestra dos Exercícios. É comovente encontrar descrita uma experiência que toca tão profundamente aquilo que me parece decisivo para mim, sobretudo de algum tempo para cá. Sou estudante universitário e estou há alguns meses no exterior preparando o trabalho de conclusão do curso. Parti seguindo a paixão por aquilo que estudo e o encontro com algumas pessoas, como sinais de um caminho para mim. Algum tempo depois fui confrontado com o fato de que toda a paixão com a qual parti não bastava para sustentar a vida aqui. Cada manhã acordava com um grande desejo de descobrir alguma coisa grande para mim, de trabalhar bem, de poder gozar ao máximo do tempo e dos encontros, mas depois de horas de trabalho, muitas vezes árido, dava por mim, frequentemente, cansado e triste [o senso religioso não basta: “Percebo a vossa tentativa, nobre, mas triste”]. E parecia que durante o dia, no meio de tantas coisas, não tinha acontecido a mais importante, como se o tempo passasse sem deixar nenhum rastro a não ser o cansaço. Até mesmo quando no laboratório acontecia alguma descoberta, depois da surpresa inicial o que dominava era a dúvida: mas, na realidade, que sentido tem fazer tudo isso? Será que vale a pena [pode-se chegar às perguntas radicais mesmo tendo partido com toda a sua paixão]? Não será esse meu interesse [aquilo que parecia a coisa mais concreta] um beco sem saída? Entendia que o problema não estava nas circunstâncias, mas na impossibilidade de ver as coisas com verdade [o significado das coisas não é um acréscimo, como uma etiqueta que é preciso colocar em cima das coisas para que se tornem adequadas, não, é que sem significado eu não vejo as coisas; quando dizemos que “a educação é introdução à realidade total”, é porque sem chegar até ali, a realidade não tem interesse]. Tudo aquilo que acontecia era uma sucessão de eventos, onde nenhum esforço ou propósito meus conseguiam encontrar algo que me desse paz. Falando ao telefone, uma amiga me desafiou dizendo: “Você precisa descobrir ali do que tem verdadeiramente necessidade, que é algo diferente daquilo que você já sabe, precisa ir a fundo nas coisas”. A minha situação não mudou de repente, mas passei a iniciar o dia com o pedido de conseguir colher, caso acontecesse e onde acontecesse, qualquer coisa que fosse de ajuda para mim. Aos poucos, houve um ponto em que começou a se revelar cada vez mais interessante. Todas as semanas, às quartas-feiras à noite, ia à Assembleia das Escolas de Comunidade dos universitários, que até aquele momento tinha suscitado em mim muitas objeções [quando uma pessoa não está consciente da verdadeira necessidade, tudo é objeção]. Chegava quase sempre com o peso do cansaço, mas a cada vez acontecia um imprevisto: alguém que contava a sua experiência, uma pergunta que era colocada, um chamado de atenção em relação ao texto, havia sempre alguma coisa que tocava um meu interesse profundo. Houve um fato particularmente esclarecedor: uma noite, ao jantarmos juntos como de costume, uma moça me perguntou: “Como você está?”. Eu decidi não mentir e disse que fazia uma semana que parecia estar completamente vazio, parecia não ter em mim nenhum sinal da necessidade ou da pergunta de que fala sempre Dom Giussani, trabalhava mecanicamente, no almoço com os colegas não falava, em casa tudo me era indiferente. Ela me respondeu com muita calma: “Não, não é verdade que você está vazio. Pode estar apenas cansado. Caso contrário, por que diria isso? Não percebe que já está pedindo?”. Fui obrigado a reconhecer que o olhar que ela tinha sobre mim era mais verdadeiro, mais completo do que o meu, apanhava aquilo que eu sou na profundidade. Não senti uma euforia sentimental particular, mas aquilo que me impressionou é que, pouco depois, voltando para casa de metrô, observando uma pessoa encostada à janela, entre as muitas com quem todos os dias nos cruzamos, me surpreendi pensando: como seria bom que também essa desconhecida pudesse descobrir o valor que tem, que pudesse se dar conta que é uma criatura querida agora, tal como é, com aqueles olhos e

nariz; todo o seu ser grita por Alguém que a faz e que me faz agora. Estava em paz diante da evidência de uma Presença maior do que todo o meu vazio [posso olhar o fundo dos teus olhos claros e desaparece todo o inferno, se eu descubro ali o ser; posso olhar para uma pessoa que nunca tinha visto e diante da evidência da Sua Presença que a está fazendo agora desaparece o meu vazio]. Mas se, durante semanas, nenhum esforço tinha me permitido olhar a realidade com um mínimo dessa verdade, o que tornava isso possível naquele momento? Não podia deixar de voltar ao jantar com aquela amiga e aquele olhar de tal modo correspondente àquilo que sou. Há um ponto na realidade onde eu volto a ser eu mesmo, um ponto que não se reduz à minha capacidade ou à de certas pessoas, mas que acontece, é inconfundível: é Ele que acontece. Agradeço-lhe pelo percurso que estamos fazendo. Responder à pergunta: ‘Quem é Jesus?’, tem significado, a cada passo, descobrir na realidade aquele ponto que é essencial para viver com toda a necessidade que tenho, com o qual é possível voltar a olhar para mim e a olhar para as coisas como plenas de significado, como lugar da minha relação com o Mistério. Pouco a pouco, o escândalo pela minha incapacidade está dando lugar à gratidão por uma Presença real à qual posso voltar para ser novamente agarrado e educado. É surpreendente para mim ver crescer o desejo de partilhar essa vida com todos, começando pelos meus colegas. Cada vez mais vejo-me junto deles, partilhando as mesmas urgências, as mesmas perguntas e também a mesma escuridão de certos momentos, e na relação com eles percebo cada vez mais a novidade do olhar de Cristo [exalta-se a diferença do olhar de Cristo], que não reduz nenhum aspecto do nosso humano. E me dou conta de que o trago comigo, que não é uma bandeira a ser agitada diante dos outros, mas sim uma possibilidade para mendigar, dentro dos desafios que a realidade apresenta, dentro da confusão em que às vezes estou, aquele olhar inconfundível que abraça tudo aquilo que sou e que revela a positividade das circunstâncias. Isso, também através de pequenos sinais, é fonte de novidade. Mais do que me tornar perfeito, a minha urgência é a de poder viver com aquela inquietação que estou aprendendo que é o grande recurso para procurar o Seu olhar”. Alguém que vê redespertar a inquietação, que vê redespertar o desejo, descobre que o grande recurso para procurar o Seu Rosto é a nostalgia que não lhe dá tréguas. Por isso, quanto mais vivemos assim, mais tudo se torna verdadeiramente companhia, até mesmo as eleições.

***Colocação:** O panfleto sobre as eleições europeias fez vir à tona uma atitude que eu tenho, desmascarou uma atitude que eu tenho sempre. Em particular, quando você nos recorda que “É, se opera”, a minha grande objeção é que se a mudança que eu vejo em mim, que é real, não produz na realidade uma mudança posterior, de fato não aconteceu, caso contrário, seria vista. Quando Cristo acontece vê-se. E, por isso, eu estou permanentemente em luta, mas, no entanto, dou-me conta de que os desafios que a realidade nos propõe, quer os pessoais, quer os sociais e políticos, não esperam que eu esteja pronta. Portanto, procuro criar um equilíbrio entre o ativismo e o ascetismo. Ativismo porque diante de certas situações, diante de certa mentalidade que se torna violenta, eu gosto de ir às ruas dizer a todos que estão enganados, fazer barulho para não me render a certas injustiças, gosto de fazer encontros, criar grupos para difundir o que é realmente a verdade, o que diz a Igreja. Enquanto, por um lado, me lançaria de corpo e alma, no empenho social, ao mesmo tempo, digo-me que a minha esperança não pode ser colocada na revolução, no empenho político ou nas campanhas culturais. Por isso, puxo o freio de mão, empenho-me mas não muito, para não cair no risco do ativismo e entretanto corro em direção àquilo que deveria ser a minha salvação – não o “fazer” – mas procurar viver a minha vida, viver eu o cristianismo em primeiro lugar*

porque – repito muitas vezes mas sem acreditar nisso – isso incide na história, mais do que as grandes batalhas, e uso isso como alibi para não me empenhar verdadeiramente. E parece que procuro mesmo um equilíbrio entre as duas dimensões para ser feliz e para ser o mais possível fiel ao Movimento. Mas não sou de fato livre, e aliás sinto-me mesmo presa, quando gostaria viver tendo em conta todos os fatores sem excluir nada de mim e do mundo.

Carrón: Alguém fez experiência de alguma coisa que o libertou?

***Colocação:** Eu tenho residência no Sul, portanto, para votar, devo fazer uma longa viagem só pra isso. Sendo assim, visto que é complicado do ponto de vista logístico, e por algumas situações que estou vivendo, tinha resolvido o problema e decidido que não ia votar. Depois, circulou um aviso no Grupo Adulto em que era dada a indicação de dar precedência ao voto em relação a todos os outros encontros ou empenhos. E eu que tinha decidido não ir votar (não por causa de compromissos, mas por outros problemas), tive de repensar a minha decisão. E, então, retomei o panfleto das eleições. E mais uma vez não tinha ainda colhido o nexo até o voto; não é que não estivesse convencida com o panfleto, mas o significado para mim havia mudado completamente: é tão evidente que a batalha é sobre os fundamentos, que eu posso participar de qualquer maneira, mesmo não indo votar. No entanto, tinha ainda uma última reserva e por isso fui reler toda a intervenção que você fez no dia 9 de abril em Milão. E fui surpreendida, porque em todas as passagens detalhadas que você faz, no fim chega até ao voto. E, assim, consegui estabelecer o nexo, porque fiquei maravilhada, como diante de uma novidade absoluta, de algo que ouvi tantas vezes: que o desejo último do homem sai da sua redução e redesperta num encontro, tanto que depois fui reler um trecho de Dom Giussani de “O eu renasce em um encontro”. Maravilhou-me porque, de repente, quando o li, não pensei nas eleições, mas pensei em algumas coisas que estou vivendo, pelas quais essa perspectiva, esse ponto de vista, me pôs diante de algumas relações em que eu, para determinadas dinâmicas que estão ocorrendo, estou toda orientada para as consequências e não para os fundamentos. E, pelo contrário, pareceu-me absolutamente correspondente e verdadeiro repartir dos fundamentos, e percebo que isso não é automático, mas que é a estrada mais verdadeira porque é aquela que respeita mais a minha natureza, isto é, repartir do fundamento último. E, portanto, eu posso apostar num critério assim, até o voto pela Europa, como você diz: “Defender esse espaço de liberdade para cada um e para todos é a razão definitiva para ir votar nas próximas eleições”, porque essa batalha sobre os fundamentos joga-se no campo de uma relação.*

Carrón: Como reconhecem os atores com maior autoridade no debate europeu, o que está em jogo nessas eleições é de tal modo crucial que a primeira questão é votar. Nós podemos ajudar a superar a distância que muitos de nós sentimos – nós, apesar de tudo o que vivemos – e que sentem muitos dos nossos concidadãos, indo votar, exatamente porque a questão dos fundamentos é crucial. De outro modo nós não teremos a energia e as razões para nos movermos e, por isso, procuraremos um equilíbrio – como dizia a penúltima intervenção – entre o ativismo e o ascetismo, usando-o para não nos empenharmos até o fundo. Trata-se de entender que a verdadeira discussão é sobre os fundamentos, então a coisa se tornará sempre mais concreta até nos mover no íntimo para ir votar e para continuar esse diálogo na sociedade sobre aquilo que nos dissemos, que nos demos como instrumentos nestes tempos: o panfleto sobre a Europa e o texto da Página Um de *Tracce* (Europa 2014. É possível um novo início?). Através destes gestos, mais uma vez o Mistério não nos deixa decair, porque tantas

vezes, quando ouvimos os avisos, pensamos que são como as tarefas de casa que passamos enquanto organização de CL. Nada de mais errado, porque isso não basta, como veem. Os avisos que propomos são gestos através dos quais, lançando-nos no real, nós somos gerados. Porque só se uma pessoa leva em consideração um aviso, pode verificar que ele é absolutamente pertinente, concreto; o convite para estes gestos é a modalidade com a qual o Mistério não nos deixa afundar no nada e na indiferença total em que muitas vezes muitos caem. Por isso não é, antes de mais nada, para nos dar uma ajuda na organização, que seria uma redução absoluta dos gestos que nós propomos nos avisos. Todos os gestos que propomos têm um objetivo diferente, um só: a possibilidade de ser gerados, porque nos desafiam a pensar. É uma companhia que nos damos para sermos gerados, porque é impossível que uma pessoa, se lê o panfleto sobre a Europa ou a Página Um, não encontre alguma coisa que o gera, é impossível! No fazer juntos certos gestos – se depois uma pessoa lhe desafia, perguntando as razões que você deve dar – você é gerado, e por isso torna-se você mesmo. Se nós não nos damos conta da ligação que existe entre os avisos e o ser gerados, como modalidade da permanência de Cristo, da fidelidade de Cristo à nossa vida que nos gera, que se impõe constantemente, que não nos deixa tréguas, nós não colhemos o valor dos gestos. Porque estes gestos são a modalidade com a qual reconhecemos a cada vez a piedade pelo nosso nada d’Aquele que nos gera e que nos diz: “Olha, se não queres acabar no nada ofereço-te isto, convido-te para isto”. Hoje serão as eleições, amanhã será o Meeting, depois de amanhã o Banco Alimentar ou as Férias. Se uma pessoa ignora tudo isso, como poderá ver uma carne que o gera? Seremos nós que deveremos nos gerar com todas as nossas tentativas, com todo o nosso esforço, com a nossa energia. E nós já sabemos que resultado isso tem.

AVISOS:

O primeiro aviso tem a ver com a Escola de Comunidade, exatamente para não decair, para introduzir-nos, como fizemos hoje, a esse olhar sobre as coisas, sobre o real, a partir daquele evento, daquele essencial que se impõe e que o faz olhar tudo de modo diferente. Por isso o conviver com ela, como dizia Dom Giussani: “É o mais belo pensamento ao qual me entrego há muitos meses ...”, é aquilo que gera: a Escola de Comunidade é uma convivência, não é um ler e basta, é uma convivência à qual uma pessoa se abandona, na qual uma pessoa mergulha. Por isso retomaremos a primeira palestra, porque ainda estamos começando o trabalho e continuamos a trabalhar sobre essa palestra.

A próxima Escola de Comunidade será realizada na quarta-feira 18 de Junho às 21h30.

Eleições europeias. Aproveitemos esses poucos dias antes das eleições de 25 de maio para encontrar as pessoas e para lhes mostrar o juízo que expressamos, exatamente para não perder esta possibilidade de ser gerados, como dizíamos antes.

Coleta extraordinária do Banco Alimentar. O Banco Alimentar da Itália, juntamente com outras associações, organiza no Sábado, dia 14 de junho, uma Coleta extraordinária de alimentos para fazer frente a uma emergência particular de pobreza. Qual é a razão dessa Coleta extraordinária? Porque aderimos a esse apelo? Tendo-se criado um buraco de alguns meses na distribuição da ajuda fornecida pelas instituições públicas, para os mais pobres daqui até outubro apresenta-se uma verdadeira e própria situação de carestia. O Papa falou disso publicamente, apelando a um empenho

extraordinário para a ajuda aos pobres e aos que passam fome, e não foi um convite genérico, porque se referia exatamente à situação descrita. Façamos nosso esse apelo, porque nos parece justo nos envolvermos conscientes da urgência da situação. Por isso os convido a aderir à Coleta extraordinária pela mesma razão educativa, com o mesmo empenho e paixão com que vivemos aquela que habitualmente acontece no final de novembro. Provavelmente a Coleta será feita em menos supermercados porque foi algo organizado às pressas, mas há certamente a necessidade da disponibilidade de todos, por isso os convido a entrar em contato com urgência com os amigos do Banco Alimentar. Para informações e maiores detalhes podem contatar Federico Bassi: bassi@bancoalimentare.it.

Procissão de Corpus Christi. A participação de todos nós neste gesto simples, é o modo como mostramos a nossa pertença à única Igreja. É um gesto simples – a Eucaristia exposta em público, diante de todos –, vivido cada um na sua própria diocese com o Bispo à frente, que tem um grande valor educativo. É uma proposta que nos ajuda a ter uma maior consciência da nossa pertença a Cristo e à Igreja inteira.

Férias da comunidade. No que diz respeito às férias comunitárias, antes de tudo não as consideremos óbvias, como se fossem um rito que se repete cada ano. O pior que pode acontecer entre nós é que se insinue esse formalismo, pelo qual consideramos tudo óbvio. Lembremos sempre que cada coisa que passa através da liberdade é sempre um novo início! Quem trabalhou sobre o tema das eleições poderá entender porque o voto não tem nada de óbvio. Por isso, desafiarmo-nos sobre uma circunstância como as eleições, desafiarmo-nos sobre as razões da Europa, é uma educação para não considerarmos óbvias as Férias. Não as consideremos óbvias, porque desapareceriam da nossa consciência. Então, nos perguntemos por que fazemos as Férias, perguntem também àqueles que têm dificuldades, objeções, problemas econômicos. Por quê? O que queremos comunicar? O que queremos viver juntos? Por que julgamos este momento decisivo? A questão é se nós aproveitamos esse gesto para comunicar alguma coisa da beleza e letícia que vivemos e se nos ajudamos também entre nós a vivê-la. O que gostaríamos de mostrar a um amigo novo que vem conosco? O que gostaríamos que encontrasse e do que queremos que faça experiência? Então, os passeios, um momento de testemunho, a apresentação de um livro, um diálogo sobre algo interessante, a Missa, as Laudes, o *Angelus* tornam-se uma ocasião na qual uma pessoa pode ver as Férias como paradigma da vida.

Veni Sancte Spiritus